

O Direito dos Menores

A legislação que rege os Serviços Jurisdicionais de Menores, parece-me que mais voltada para a regulamentação dos direitos dos adultos do que para a exigência efectiva do cumprimento dos seus deveres; mais as limitações de vária ordem que afectam o funcionamento dos ditos Serviços, produzem: não apenas a frustração dos que neles têm missão executiva, como a ineficácia — e isto é o mais grave — quanto ao essencial que legitimamente se espera desses Serviços: a defesa imediata dos Menores e a salvaguarda do seu futuro.

Um caso a concretizar o que digo — um caso que nos passa pelas mãos há uns quatro anos e não consideramos passado porquanto bem longe (e por quanto tempo ainda?) de uma solução satisfatória.

Duas meninas, de nove e sete

anos, viram sua mãe morrer às mãos do pai. Preso este, restavam para cuidar delas, uma tia paterna e um tio materno, rapaz nosso desde pequenino, agora homem, a pedido do qual tivemos intervenção no caso.

Imediatamente as pequenas ficaram com a tia. Mas sabendo o tio, ao tempo ainda solteiro, que o modo de viver por lá não era conveniente para as sobrinhas, pediu ao Tribunal a tutela das menores, oferecendo a garantia do seu acolhimento numa Instituição idónea.

Naturalmente, à partida, entre tia e tio, o parecer inclinar-se-ia para aquela. Havia que examinar o concreto da situação. Uma assistente social faz uma visita e conclui sobre a capacidade da tia. O Juiz

Cont. na 4.ª pág.



Se não fossem os cuidados da Obra da Rua — e de outras Obras afins — quantos «Batatinhas» dificilmente teriam sobrevivido...!



Vamos viver mais um Dia Mundial da Criança (escrevo a 18/5). Quando me leres, já o teremos propagandeado.

Dizem que estas comemorações anuais servem para sensibilizar os homens quanto a determinados objectivos.

O Dia Mundial da Criança deveria servir para chamar a atenção do Mundo quanto à obrigação de pôr em prática os Direitos da Criança já que teoricamente os reconhece.

Normalmente, como é rotina acontecer, apregoa-se o que entre nós se faz com as crianças já defendidas por pessoas ou instituições; ou para se falar da criança do terceiro mundo — morta à fome, submetida, vendida, objecto de repressão política, instrumento de prostituição, etc.

Cont. na 4.ª pág.

Calvário

Pararam perto do portão do nosso Calvário e perguntaram onde ficava a Aldeia da santa Zulmira. Que não sabíamos — lhes disse. E sem ao menos esboçarem um olhar para os nossos doentes (santos verdadeiros) se foram em demanda dos «roques» com suas velas e promessas.

Santos que o povo vai adoptando, ao lado dos bruxos santeiros que tantos cristãos consultam.

Tem muita razão uma amiga do Senhor e dos Pobres que, da Holanda, com uma boa ajuda para o casal de Miragaia, fala da mágoa que sente em seu coração por esquecermos tanto

a Bíblia. Termina assim a sua carta:

«Verifico, muitas vezes, com grande mágoa, quanto o nosso povo tem necessidade da Luz Divina, e esta pode chegar a nós através da 'Palavra de Deus'. Creio que muito pouco do nosso povo conhece o significado profundo do Evangelho de Cristo.»

Sim, tantos cristãos, baptizados, no fundo ansiosos por Deus... Só que, procurando-O, afadigados, na superstição milagreira.

Quantos lêem a Bíblia?! «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu cora-

ção... E ao teu próximo como a ti mesmo.»

Santidade é vivermos estes dois amores no nosso quotidiano.

«Ela vivia numa pocinha de água!» — disse a senhora ao subirmos as escadas da habitação degradada.

A maior parte dos Pobres fica sem jeito para limpar e arrumar. Braços caídos num caminho de trapos! E quando a prostituição, o jogo e o álcool são senhores, somos apanhados por uma sensação de impotência que nos perturba.

Cont. na 4.ª pág.



Em habitações degradadas, a maior parte dos Pobres fica sem jeito para limpar e arrumar. Braços caídos num caminho de trapos!

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Apesar de diminuída (por doença) tem um admirável comportamento na luta pela vida.

Não pára!, quando anda um pouco melhor, de trouxa às costas, ganhando «umas c'croas» — como diz — pois não quer ser pesada a ninguém: «Só peço ajuda q'ando não posso mais...»

Noutro tempo, ela ergueu «um barraquito» — e os Leitores botaram a mão em cimento, telhas e tijolos. Agora, precisa de luz eléctrica. Mas, como anda por lá, na mercancia de trapos, vem a saber que um departamento oficial talvez ofereça algo para o efeito. «Um bocadinho daqui, outro dali, faz sempre jeito...»

Achámos a ideia interessante e colaborámos; mas sem esperança — que não revelámos, por delicadeza.

Ótimo é ver os Pobres não se acomodarem ao sub-mundo da miséria; e não lhes oponem obstáculos.

Uma coisa não suporta, materialmente — os medicamentos: «Não posso viver sem rumédios. Tão caros, meu Deus!» Todavia, o casal vicentino acode no momento próprio.

Mais dia menos dia esperamos um lamento pela despesa da instalação eléctrica... Como, aliás, aconteceu sobre o Fisco — no cerco da burocracia — em relação ao «barraquito».

É dura a gesta heroica dos Pobres, amarrados por todo o lado. Até pelo Fisco...!

● Época de Profissões de Fé. Agitam-se enfeites e os Pobres... sentem-se mais pobres.

Para o dia grande, oferecemos uma lembrança útil que marque a cerimónia, para sempre, na alma das crianças — a desabrochar para a vida com os olhos no Céu. É Profissão de Fé!

Que dizer da alegria duma Viúva que leva mais um filho à Comunhão Solene; e outros pais de quem os Leitores são pequenino bordão!?

PARTILHA — De Vilares (Vila Franca das Naves), os habituais 500\$00, produto da pequena pensão de reforma duma empregada doméstica que olhou pelos seus patrões até ao fim.

A esposa de um dos melhores **cardiologistas** do País, com 4.000\$00 da ajuda mensal dos primeiros quatro meses do ano em curso, mais 5.000\$00 para ajudar quem mais precisa na Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa.

Uma presença constante! Graças a Deus.

Outra, é a «Avó de Sintra» que traz na mão um «cheque de 4.000\$00 que se destina à Família do costume», a quem desejo melhora a sua vida». Linguagem cristã!

A assinante 16415 pede «um pouco de paciência para traduzir os gata-funhos que os olhos doentes e os meus 78 anos não deixam fazer melhor», manda 1.000\$00 com esta intenção: «O bom êxito duma operação cirúrgica a um meu irmão que se encontra gra-

vemente doente». Ao nosso Deus endossamos a sua prece.

100\$00 da assinante 13245, do Porto, «pelas melhoras do meu marido». Mais esta intenção nas mãos do Senhor.

«Uma portuense qualquer» mantém a perseverança de sempre: «Para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — de Paço de Sousa — vai a migalhinha relativa ao mês de Abril. Continuo a louvar o Senhor pela ajuda que se dá aos nossos Irmãos». Assim mesmo, em «caixa alta».

«Maria de Portugal» fecha a coluna com «a migalha de Maio para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa» e a amizade de sempre.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

FESTAS — Estivemos em Lisboa, Lounes e Torres Vedras. Tantos foram os amigos que partilharam connosco alegria, palmas, risos e lágrimas! Quantas flores desabrocharam em muitos corações!

Os «Batatinhas» entoaram bem alto a mensagem que é sempre uma Primavera dentro de cada um de nós. Canções tão lindas que nos enriqueceram com o vosso sorriso, calor e alegria. Descobrimos a vossa amizade a sorrir! A voz sempre fresca anunciando que «a nossa Casa é a vossa Casa. Uma família sempre de mãos dadas. Nós somos pequeninos! Então cantemos bem alto: — Vamos cantar! Viver e sorrir! É o nosso sinal para o mundo que brilhará em todos vós e em muitas crianças que nos querem muito.»

Numa breve evocação dialogamos com sonhos, poesia, a cobrirem como asas leves a realidade tantas vezes cruel desta vida, particularmente da criança. Sentimos o mundo cheio de ódio e de guerra a calar a voz do amor. Há tanta coisa bonita e os homens batem-se uns contra os outros. Ouvimos os gritos do medo e da dor. Só o amor é a força que importa conservar dentro de nós. Ele alimenta a esperança de um mundo melhor!

Mas, até lá, quantas crianças terão ainda de sofrer e morrer para que o mundo não seja destruído?

Como não podia deixar de ser, muita música, danças e canções. «Batemos o pé» e fomos ao encontro do colorido, movimento e luz, reflectindo, assim, as lindas paisagens e o clima desta «Pérola do Atlântico». Cantámos o «Fado 31». Alguns pequeninos interpretaram a linda história da «Branca de Neve e os sete Anões». Oferecemos a «Dança das fitas» e apresentámos o «Festival da Canção». Encerrámos com os pequeninos. Muitos beijinhos de gratidão pela vossa alegria e carinho; compreensão nos seus enganos, às vezes o mais engraçado da festa pela espontaneidade do imprevisto. Com as palavras do nosso Padre Luiz demos todos as mãos e partimos para casa com o calor do pequenino verso «Vem comigo meu irmão» e a mensagem

viva de Pai Américo: «O coração matou! Oh que feliz! Semeadores do Eterno!».

José Manuel dos Anjos Nunes

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Disputámos o terceiro jogo do torneio. Defrontámos a equipa do Montoiro que saiu vencedora pela margem mínima: 1-0. Golo marcado por um dos nossos. Perdemos a oportunidade de chegar à final! Resta-nos o terceiro e quarto lugares.

Parabéns à equipa do Montoiro pela sorte que teve.

VISITAS — Os dias de maior afluência são os domingos. No último, à hora do almoço, recebemos um grupo dos arredores da Figueira da Foz; e mais outros até ao fim do dia. Mostraram muito interesse e alegria pela nossa comunidade.

AGRICULTURA — Estamos na época da sementeira do milho. É um grupo a acarretar estrume, outro a espalhá-lo e, assim, fazemos o trabalho com alegria.

De seguida, o tractorista vem lavrar a terra.

Com a terra pronta para as sementeiras, vão os semeadores espalhando o milho por regos. Deste modo se faz a sementeira do milho, na nossa Casa, com os semeadores manuais.

Carlos Manuel

Paço de Sousa

OBRAS — As obras da nova tipografia continuam num ritmo rápido e eficaz. Ainda bem!

Já se começaram a fechar os buracos, pondo as janelas e as portas. Trabalho que o «Lourinho» faz muito bem, mas com alguns nervos à mistura.

DESPORTO — Vão aparecendo interessados que se comprometem a ajudar a cativar as camadas mais jovens.

Exemplo: o «François», gaiato antigo e já casado, conseguiu formar uma jovem equipa que lhe tem dado muita satisfação.

Desejamos felicidades a esta iniciativa, começada há já algum tempo e que está a resultar positivamente.

Aproveitando o tema, convidamos jovens equipas a realizar jogos de confraternização com a nossa.

Quanto aos seniores, temos tido dificuldades em jogar aos sábados. Prejudicam, sem intenção, o nosso treino.

Pedimos a compreensão dos interessados e tenham em mente que, em princípio, convém realizar os prélios nos domingos e feriados.

Muito obrigado!

AGRICULTURA — As chuvas têm beneficiado as culturas hortícolas e menos as frutícolas.

No que respeita à pecuária, as vacas começaram a dar crias. Teremos,

com certeza, mais leite e bifos nas refeições.

VISITAS — Apesar do tempo não permitir a deslocação de algumas pessoas, a afluência considera-se numerosa.

Tempo que vai mantendo a frescura e vivacidade das nossas flores, perfumando a nossa bonita Aldeia.

Não fosse o estrume, diríamos estar na presença de um perfume requintado e gratuito!

Venham ver e cheirar para crer!

CAISOS — Aqui, em Casa, é nos recreios que se arranjam as maiores

complicações: a jogar a bola ou a brincar vêm-se disputas e discussões que levam ao soco as soluções!

Na escola, o «Antero» partiu uma perna e estagna, por algum tempo, com ela às costas até ficar boa.

Desta vez, o «Formiga»: a brincar no parque, descuidou-se nos balanços, caiu e partiu a perna. Está em franca recuperação no hospital, e desejamos rápidas melhoras.

É caso para dizer: entre feridos e mortos, alguém há-de escapar e contar a história!

Pires

Do que nós necessitamos

«Oferta de um pároco — 20.000\$00.» Só isto, pároco humilde. Já com 85 anos e das suas economias quer compartilhar connosco. Calar? Como? É um acto de Fé: «É pouco mas também vivo em dificuldades pois ando a acabar a minha casa e tenho uma grande dívida para pagar, mas sei que o Senhor não desampara quem n'Ele confia».

Mãe, carregamos a sua dor e esperamos, consigo, o regresso de Seu Filho. De Arrifana, vem a professora com seus alunos dizer do entusiasmo e prazer «com que se dialoga O GAIATO». Consideramos oferta anónima os 10.000\$00 que nos mandou. Não agradecemos os 30.000\$00 que recebemos juntamente com um abraço. Mais doutrina. Cada um examine-se e tome as decisões. «Tantas vezes sucumbo à minha incapacidade de desapego. Agradeço esta oportunidade de calar a minha consciência.» De Braga, 40.000\$00 e dez mil: «Quer n' O GAIATO, quer nos livros que recebo, encontro sempre a palavra certa, aquela que dá para parar, pensar, repensar e tentar pôr em prática». Programa de vida.

Anónimo manda um postal em branco com dez mil. Mais confidências: «... Nunca se esqueçam da remessa de vossos livros. É que, lê-los, é encontrar um certo e indefinível bálsamo para o meu espírito, por natureza sempre preocupado». 5.000\$00, de doente e com muitas despesas com remédios indispensáveis. Não somos dignos: «O vosso jornal é lido por mim da primeira à última linha; de preferência guardo-o para ler no sossego do meu quarto, antes de dormir. Aí o meu encontro, depois de um esgotante dia de trabalho. O (eu) que sou e o (eu) que forçosamente um dia hei-de ser. Deus é grande e espero poder dar-Lhe, um dia, o que hoje ainda não Lhe dou...» 5.000\$00 acompanham.

O dobro, do Passeio Alegre. Tão rico o abraço «para toda a vossa família, desta família,

Tereza, João e C.»), mais 25.000\$00.

Estiveram connosco os alunos da Escola de Enfermagem do Hospital de S. João. Renúncias quaresmais do Externato da Paz — 30 mil. De Viseu, 12.500\$00. Espinho passa e deixa dez mil. Litora assídua envia cheque. Arrependida, «por tanto tempo de ausência e silêncio», bate no peito. Manda 10.000\$00. Grupo famoso do Candal põe 60.000\$00 nesta coluna «com grande alegria de todos nós». Reconciliação com os irmãos: «... Mas hoje foi o dia da minha reconciliação com Deus, após longos anos longe d'Ele. É o meu primeiro acto de justiça e amor. Sempre apreciei O GAIATO, mas agora passei a lê-lo como um segundo Evangelho». Mais fidelidade. Mais compromisso. Mais responsabilidade. Mil, de Serafim. 20.000\$00, e «começo por pedir desculpa por este meu silêncio que já dura há tanto tempo». Dos alunos da Escola Primária de Pedrógão d'Aire, 400\$00. Mais renúncias quaresmais — 6.240\$00. Alda Dionísio com 20 mil. Presença do 7.º ano, da Escola de Sta. Maria da Feira. De S. João de Ver, 20.000\$00. Da Escola de Dactilografia (Maratona, trinta mil escudos.

«Não acumuleis o vosso tesouro na terra onde a ferrugem e a traça o consomem e os ladrões arrombam a porta e o roubam»: migalhas de 500\$; 10.000\$00, «em mais um aniversário do nosso casamento»; 11 mil, de Gondomar; de S. João da Madeira, 15.000\$00; de Viseu, 10.000\$00; da R. Gonçalves Crespo, 80.000\$00. Muitas outras presenças que não cabem neste espaço, mas enchem a coluna: 10.000\$00, mais 15.000\$00 e 70.000\$00: «por certo não será a última vez». Lembramos as melhoras do



TRIBUNA DE COIMBRA

■ Hoje são vistas de dentro. Não houve escola e tivemos de dar trabalho a setenta trabalhadores. Nestes dias, sem escola, os chefes vêem-se aflitos com tantos desempregados.

Hoje, foi fácil. O dia, com bastantes núbens, acabou por dar pouca chuva. Mas o tempo húmido tem sido fértil em ervas daninhas na agricultura. Arrancar ervas à mão foi o forte do nosso trabalho.

Três grupos, com seu respectivo chefe, seguiram para os batatais. Este ano plantámos muitas batatas e cresceram com robustez. Agora, só é pena algumas estarem a ficar doentes.

Outro grupo, recomeçou a tratá-las com nova calda. Não há mãos a medir e as duas máquinas de sulfatar não podem parar.

Outro, ainda, semeou feijão de canteiro para ser comida a vagem. A terra já estava preparada, há dias, mas a chuva não deixou fazer a sementeira.

Outro mais, repartiu o estreme na terra do Poço Novo, onde o tractor amanhã começará a lavar para depois semearmos o milho. As padio-las não pararam todo o dia! Mais outro, dos mais cuida-

dos, mondou os leirões de cenoura e alface. Deixaram-nos limpinhos de ervas.

Ainda um outro, cortou dois tractores de erva para alimentação das nossas vacas leiteiras. Se não comerem bem, não poderão dar bom leite. Os animais domésticos dão bons frutos pela boca.

E eu, que estive todo o dia em casa, delíciei-me a vê-los ocupados e contentes. O pão amassado por nossas mãos é saboroso! Deus abençoe o nosso pão.

■ Ao fundo da terra do campo, num grande buraco duma oliveira velha, uma cadeira sem dono teve sua ninhada de oito cãezinhos, e houve uma romaria para aquele lugar. As couves plantadas, à volta, sofreram o espezinamento e despareceram.

Tenho presenciado quadros maravilhosos! No fim das refeições vão alguns pratos muito escondidinhos com o melhor da mesa. Braçadas de palha seca, todos os dias, para a cama. Sacos de plástico a cobrir muito bem a entrada, não vá a chuva penetrar lá dentro. Está sempre uma vasilha com

água. Os visitantes chegam a estar à vez!

Há dias, ao recreio da escola, vi o «Troca», com todo o jeitinho, tirar um dos cãezinhos e levá-lo ao colo para o campo de jogos muito aconchegadinho ao peito. Depois, voltou a pô-lo no buraco. Tudo tão amoroso e delicado!

Fiquei encantado com a delicadeza do «Troca». A alcinha é pelos olhos dele. Chamo-lhe sempre Mário. As alcinhas são característica muito comum das nossas Casas, coisas muito naturais. O Mário tem sido uma criança sempre abandonada, com muitas atitudes de rebeldia. Veio para nós ainda há pouco tempo. Revela muitas carências.

A vida natural de nossa Casa, com cãezinhos ao colo, pintainhos nas mãos, muitos ninhos nas árvores, o leite das nossas vacas e os ovos das nossas galinhas e o pão do nosso forno, esta vida natural há-de ajudá-lo — a ele e aos outros — a ser mais humano. O Mário reza sempre alto. Gosto de o ouvir rezar!

Padre Horácio

Cantinho da Família

Não podemos ser felizes sem família. Fomos feitos assim. Nascermos. Vivemos. E queremos morrer no calor de um lar.

Recordo a palavra do nosso Ilídio (4 anos) quando nos foi entregue pelo Tribunal de Menores. Durante a viagem do Porto para Paço de Sousa, poisava os olhos em Padre Carlos e dizia Pai. Nunca se conheceram antes. Era a voz do sangue a chamar pela família. Desde então para cá, vemo-lo feliz. Trouxe as marcas do abandono. Da fome. Levámo-lo, há dias, ao especialista dos olhos. Tem males da vista por causa da subnutrição em que viveu durante os primeiros tempos de vida.

Ajuntei este caso para falar da casa. Sim, da casa onde se nasce, vive e morre. A causa de grandes males sociais está na falta de casa. É um mal de raiz de muitas desgraças de um povo. Governantes e governados dão-se conta desta doença. É bom sinal. Mas não chega. Acertar com o remédio e avançar é um investimento prioritário. Ah, prioritário!

Andamos preocupados com descobrir caminhos de acesso a uma casa digna para os rapazes em idade de voar e constituir família. São nossos. São problemas dos pais. «Filhos criados, trabalhos dobrados» — como tão bem diz o povo.

Arranjámos (comprámos) um talhão para dezanove moradias, em Paço de Sousa. No Tojal, vai adiantado o processo para o mesmo fim. Em Coimbra, foram dados passos na mesma direcção. A Casa do Gaiato de Setúbal vive o mesmo problema.

Não podemos esperar que o Estado resolva tudo. Não pode nem é sua missão. Que se ponha no seu lugar, sim. Ajudar, sim. Com eficácia, simplificando e facilitando por todos os meios, pois os tem em suas mãos como ninguém. Basta pôr no lugar certo o homem certo. E que não tire à família o gosto de ter a casa ao seu jeito, sempre e onde puder ser.

Vamos dar um passo em frente. Mais uma obra nascida do tesouro escondido e sempre novo da Obra da Rua. Vem dos rapazes, para rapazes, pelos rapazes: uma Cooperativa de construção de moradias para os gaiatos. Fica nas mãos dos mais velhos. A maior parte deles já tem suas casas. Aqui, um dos pontos lindos desta iniciativa! Podiam ficar instala-

Cont. na 4.ª pag.

Associações dos Antigos Gaiatos

NORTE

CONVOCATÓRIA — Recentemente, através do GAIATO, demos conhecimento da possibilidade de constituição duma Cooperativa de Habitação destinada a ajudar muitos gaiatos a resolverem o problema habitacional.

Hoje, podemos informar que será possível a concretização da iniciativa, pois vamos ter a «COOPERATIVA DOS GAIATOS».

Para que sejam aprovados os estatutos e eleitos os corpos sociais que dirigirão os desti-

sobrinho João Carlos. Regina, cumprimentos. Leiria e Luís mais José Evangelista, com muita perseverança. 40 rands, da assinante 19310.

Outras terras e outros nomes ficam no silêncio. Só mais esta: «Aqui vai uma migalhita para as amêndoas dos mais pequeninos. Foi a minha renúncia quaresmal que corresponde ao ter deixado de tomar a «bica» no café, o que muito me custou!»

Padre Manuel António

nos da Cooperativa durante 1988/89, convocamos os interessados a estarem presentes numa assembleia geral, no dia 10 de Junho, pelas 10 horas, em Paço de Sousa.

Se estás interessado na inscrição como sócio da «Cooperativa dos Gaiatos», não fiques para melhor te aperceberes da grandeza e oportunidade desta iniciativa.

Carlos Gonçalves

CENTRO

Confirmamos a data do próximo Encontro: 26 de Junho. Outra vez em Miranda do Corvo.

O programa será idêntico aos anteriores: Concentração, em Coimbra, junto do Estádio Universitário, por volta das 8.30 h. No entanto, estão incluídas algumas novidades:

Provas de atletismo para os actuais gaiatos. Estamos a reunir ofertas destinadas aos prémios.

Um sorteio cuja receita será para a instalação da «Casa Abrigo Padre Américo», destinada a dar abrigo aos inúmeros mendigos que, na cidade de Coimbra, passam a noite «dormindo» na rua, no banco do jardim. Estamos, também, a reunir ofertas, esperando que a própria cidade de Coimbra corresponda.

Este ano o almoço será em moldes diferentes: cada um leva o seu farnel. Quem não levar também almoça. Está tudo previsto.

Esperamos publicar mais um alertá na próxima edição.

Chico Zé

Livro «Correspondência dos Leitores»

São horas divinas ler as obras de Pai Américo — o seu diário. Como não hão-de os leitores ficar suspensos?! — passe a expressão.

Continuamos a calar o bico e damos a palavra a outros Amigos — são tantos! — com novas sobre o «Correspondência dos Leitores» e restantes volumes da autoria de Pai Américo.

Tondela:

«A Obra da Rua — como já tenho afirmado — serve-me de Norte. Nos momentos mais difíceis, leio e medito os livros de Pai Américo. A eles devo grande parte da minha fé, pois tudo nele é concordância... Quanto pudera dizer, fica aquém do que sinto dentro de mim.

Deus ilumine o caminho dos meus filhos e netos.»

S. João da Madeira:

«Junto cheque para O GAIATO e para o «Correspondência dos Leitores».

Ninguém ama o que não conhece e, quanto mais vou conhecendo a Obra da Rua — pelas suas edições — mais a admiro e estimo. Não me cansarei de o proclamar na minha animação cristã com os Outros.

Desejo as maiores venturas no serviço que prestais ao 'Lixo' que a nossa sociedade

consumista e materialista produz.

Um abraço fraterno e solidário para todos...»

Assinante 35473:

«O «Correspondência dos Leitores» é mais um precioso maná que apetece devorar dum fôlego, mas que se vai poupando e saboreando aos poucos, tal a riqueza espiritual que a sua leitura nos transmite.»

Agora, um assunto que nos tem escapado, ao longo dos anos: A perseverante oferta de cartão canelado — por uma empresa, de Gaia, dedicada à cartonagem — destinado à expedição dos nossos livros. Basta pegar no telefone e informar que precisamos; recebemos, logo, ordem de carga! Ainda recentemente, o gerente segue para o estrangeiro e não deixa de marcar, na agenda, o nosso pedido. Tal a delicadeza da oferta!

OBRAS PUBLICADAS

Tem crescido o número de assinantes do GAIATO e a respectiva tiragem. Por isso, não deixa de ser oportuno revelar a colecção de obras publicadas pela nossa Editorial — ao vosso dispor.

De Pai Américo: Pão dos

Pobres (quatro volumes, o 2.º está esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (dois volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (três volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui... E mais o Correspondência dos Leitores.

Doutros autores: Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; A Porta Aberta, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz; e o Calvário, do Padre Baptista (esgotado).

Júlio Mendes

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

Naturalmente, que em toda a parte o homem se deve preocupar com a violação dos direitos fundamentais humanos — e mais ainda dos infantis. Mas se o homem não der atenção à criança que vive a seu lado, no mesmo prédio, na rua comum, no seu bairro, paróquia ou cidade e for desviado para os longínquos problemas das crianças de outros continentes, o facto servir-lhe-á de ópio que o tornará menos sensível. É por isso necessário que os nossos problemas ou os problemas das nossas crianças tomem a dimensão real que os caracteriza e não sejam minimizados por sombras longínquas, embora reais e arrepiantes. Dominado como ando, por

tantos casos de crianças abandonadas, sem o mínimo de direitos garantidos na prática, sou obrigado a reflectir que a Organização Tutelar de Menores enferma, nos seus princípios, de uma confusão crassa.

Para o legislador, progeneritura e paternidade são uma e a mesma coisa. Ora é evidente que o progenitor pelo facto de o ser não é pai. Os animais também são progenitores e não pais. A paternidade implica doação de vida, cuidado, ternura, responsabilidade e amor permanente. Há muita paternidade sem progeneritura e muita progeneritura sem paternidade.

O simples progenitor não se dói da «cria». Procura, sim, explorá-la a valer-se dela para os seus interesses tantas vezes inconfessáveis.

Se perante o abandono de tantas crianças não tivéssemos soluções adequadas, poderíamos suportar as nossas dores com uma certa resignação. Mas, havendo tantas à vista — e as únicas certas em inúmeros casais que, impossibilitados fisicamente da progeneritura, anseiam por dar paternidade a uma criança adoptiva — vivemos em frustrante e contínua revolta.

Há dias esbarrei-me, mais uma vez, com três irmãozinhos em estado crítico de abandono. O mais pequenino, de seis meses, vinha em tal estado de desidratação e coberto de sarna, que se não fossem os nossos cuidados dificilmente teria sobrevivido.

Vou para o Tribunal. A mãe que sim. Que os dava. Que os não podia nem criar.

O pai que os abandonou, obrigando a mãe às piores vilezas, que não. Foi quanto bastou para tudo emperrar.

— É lei!, proclama o Juiz. Dura lex sed lex — lembro o aforismo romano.

Que as crianças fiquem marcadas para toda a vida, que fiquem diminuídas no seu crescimento afectivo e sensível, privadas do afecto, do amor e da responsabilidade paterna — não importa. O que é preciso é impor a lei!

Encontro mesmo Juizes cristãos cujos valores humanos ficam preteridos perante o rigor legislativo.

Sem o consentimento dos progenitores (não dos pais) manifestado perante o Juiz, não pode haver adopção legal. Ou, pelo menos, o Juiz tem muita dificuldade em a decretar, dado que os processos têm a sua inspecção e é necessário que toda a papelada esteja harmoniosamente coligida para que a classificação seja boa ou excelente, abrindo assim as portas a uma carreira de sucesso.

Se o bebé tivesse morrido, ninguém pediria contas ao pai.

— Uma criança morreu! — lamentar-se-ia. Ninguém seria chamado à responsabilidade. Ninguém a tinha matado. Morreria naturalmente. Não haveria Juiz que se mexesse. Dói!...

Sei de um casal a quem exigiram 1200 contos por uma criança e estava disposto a dá-los.

São notícia os negócios e transferências sujas com crianças. Tudo deve ser acautelado. Mas é tão fácil provar o abandono real!... É tão evidente a incapacidade paterna de determinados progenitores!

Nós continuamos a viver de papéis. A fazer papéis, a examinar papéis, a assinalar papéis, a enterrar-nos em papelada.



Quantas ressurreições vêm operando as moradias do Património dos Pobres!

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

Foi este o caso. Depois, a doença implacável. Agora, a miséria e abandono.

Marcámos dia para a sua entrada no Calvário como membro da nossa família. Assim nós sabemos interpretar e viver o sentido profundo que esta adopção contém e implica.

— Não são milagreiros os muros das nossas Casas — disse, há dias, a alguém chocado porque um menino entrou e continuou roubando. Não acontece o milagre. Mas o amor e o sentido de família no dia-a-dia vai construindo com pedras difíceis o muro rústico.

Que vamos fazer com este

«trapinho» sumido na enxerga? Nós próprios não sabemos... Sentimos, porém, que os caminhos de Deus são sempre maravilhosos.

Padre Telmo

Cantinho da Família

Cont. da 3.ª pág.

dos no seu mundo. Mas não. Têm talentos, sentem-se irmãos e vão dar a mão. Que notícia consoladora! Alegrai-vos todos os que nos amais.

Padre Manuel António

O Direito dos Menores

Cont. da 1.ª pág.

resolve sobre esta informação.

Foi então a nossa oportunidade de intervir. Será que uma visita, esperada, constitui fundamento suficiente para uma informação segura? Em assunto tão sério como, o presente e o futuro de duas crianças marcadas pela tragédia daquela orfandade, não seria de confirmar a primeira impressão mediante outros contactos, preferentemente inesperados? Não seria mesmo de confrontar as conclusões de uma assistência social pelas de outra?

Em conversa com o Juiz de Menores, este não iludiu nem contradisse a pertinência das interrogações. Somente, os meios de que o Tribunal dispõe, não permitem mais. E ele tem de despachar sobre as informações que lhe fornecem.

As pequenas foram, pois, entregues à tia que ficou responsável por elas perante o Tribunal.

Entretanto o pai foge da prisão e ausenta-se do País. Algum tempo depois, a tia entrega-lhe as filhas. E agora, nem ao tio nem ao próprio Tribunal perante quem é responsável pelas duas menores, diz onde elas estão. Ou melhor, diz não saber, o que é pouco crível e sempre irresponsável. E o Tribunal — oh ironia negra!

— consulta o tio em busca do paradeiro das meninas.

Este desloca-se a Lisboa. Fala com o Juiz, que já não é o mesmo da infeliz decisão. Insiste em que o Tribunal consiga da tia notícias das meninas. «Que não pode ser. Que não é tempo de inquirição. Que se a tia não diz, não diz mesmo e o Tribunal não pode obrigá-la. Que ao pai — aquele pai! — não foi suspenso o poder paterno sobre as filhas.» E dispõe-se a arquivar o processo — o que acaba por não fazer já, mercê da pressão do tio. «Que se este souber alguma coisa, previna o Tribunal.» Mas como há-de ele saber... a menos que por uma sorte muito grande?!

E das duas meninas, agora adolescentes de treze e onze anos, que será feito? Parece que elas são o menos em todo este processo que se abriu por causa delas e deveria obstinadamente defendê-las.

Este o Direito dos Menores que temos. Há magistrados que sofrem a sua fragilidade. Porque não a referem às altas instâncias do seu ministério em busca de caminhos mais consentâneos com o direito das crianças à estabilidade que lhes permita um presente mais sadio e um futuro esperançoso?

Padre Carlos

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm. Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952266
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Maio: 70.175 exemplares.